

**ASTROJILDO PEREIRA
E NELSON WERNECK SODRÉ:**
Um diálogo gauche
na História da Literatura Brasileira

ALDA MARIA DO COUTO GHISOLFI
UFMS

*Já não distinguirei na voz do vento
(trabalhadores, uni-vos) a mensagem
que ensinava a esperar, a combater
a calar, a desprezar e ter amor.*

.....
*Hoje quedamos sós. Em toda parte,
somos muitos e sós.*
(Carlos Drummond de Andrade)

Em estudo recente, Marisa Lajolo examina os projetos da *Biblioteca lusitana, crítica e cronológica*, de Diogo Barbosa Machado, 1741, do *Primeiro ensaio sobre história literária de Portugal*, de Francisco Freire de Andrade, 1845, ambos publicados em Portugal, e o *Parnaso brasileiro*, primeiro volume, de Januário da Cunha, no Rio de Janeiro, de 1829. A Autora aponta "diretrizes similares", traços precursores das histórias da literatura brasileira, ainda hoje vigentes, tais como: "o substrato nacionalista", "a abrangência das Bibliotecas", "a exigência de intertextualidade de projetos históricos", "o caráter cumulativo" e "a missão civilizatória das antologias e histórias literárias".¹

Considerando tais pontos como matrizes historiográficas da literatura brasileira, o texto inédito de Astrojildo Pereira, visto como esboço de uma história literária de esquerda, de tendências socialistas, não foge aos traços "avoengos", com certeza. Nele o leitor perceberá a preocupação nacionalista, o argumento do amor à pátria, os movimentos intertextuais, explícitos ou não, a abrangência a setores extraficcionais, como filosofia, di-

¹ LAJOLO, Marisa. "A Biblioteca lusitana, tetratavó ilustre da história da literatura em língua portuguesa", texto ainda não publicado, - pesquisa em andamento - apresentado através da disciplina Problemas de historiografia literária, pelo programa de pós-graduação em Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1º sem./94.

reito, e a acumulação de propostas anteriores, inclusive reconhecidas como fontes.

Marisa Lajolo vê na *Biblioteca lusitana* uma "obra fundadora", que "fornece matéria exemplar para a reflexão sobre alguns tópicos à luz dos quais se inaugura em língua portuguesa, a *tradição ocidental* da história da literatura",² sendo a "missão civilizatória", que a Autora identifica nos três modelos, reconhecível no texto de Astrojildo Pereira. Com a novidade de um discurso lateral, através de jargões político-partidários que fixam a condição de texto datado e estabelecem, no contexto mais amplo da "missão", que mostraria ao mundo a grande produção escrita, legitimadoras de países no universo da cultura ocidental, um recorte que apresenta a causa revolucionária como objetivo e motivo subjacente, a exigir a reescritura da história literária no Brasil.

Veja-se: apud Marisa Lajolo, para Diogo Barbosa Machado, "as mais célebres nações do mundo querendo estender a sua fama (...) perpetuarão nos monumentos literários das bibliotecas os admiráveis progressos que fizeram (...)".³

Para Astrojildo Pereira:

semana de arte moderna... levante do forte de Copacabana... fundação do partido comunista do Brasil. Os três acontecimentos exprimiam, por vias diferentes e em termos também diferentes, uma necessidade histórica inelutável, ditada pelo processo de amadurecimento da revolução brasileira nas condições peculiares de um país como o Brasil, de estrutura semi-feudal e dominado pelo capital estrangeiro colonizador.⁴

Guardadas as proporções, a intenção é muito semelhante, bem como a forma atualizada, uma listagem de autores e obras, acompanhada de comentários de juízo, talvez pretendendo opor-se ao modelo oficial e, no entanto, reiterando-o.

Para acentuar a ironia, note-se que Astrojildo considera relevantes as "lutas contra os monopólios exercidos pela Metrôpole", nos finais do século XVII, bem como "uma certa diferenciação na maneira de dizer, relativamente ao português de Portugal", apontada na obra de Frei Vicente de Salvador, ainda no século XVI.⁵

Na época em que o partido comunista buscava afirmação no Brasil, tendo em Astrojildo um elemento dos mais atuantes,⁶ o texto em questão pode constituir, em hipótese a ser comprovada por estudos mais alentados,

uma tentativa de introduzir, nas discussões internas do Partido, os temas da cultura brasileira, a partir da idéia das "duas culturas", de Lênin.⁷

Talvez com a intenção de elaborar um trabalho didático, de cunho doutrinário, destinado à utilização da História da Literatura Brasileira, Astrojildo pretendesse superar o ostracismo a que esteve relegado pelo Partido.⁸ Seria uma interferência ideológica da esquerda socialista no próprio discurso institucionalizado e estabelecido, com o aval da história literária.

Essa interferência se daria, talvez, através da modificação de componentes da historiografia literária tradicional, tais como: a linguagem acadêmica alterada pelos jargões partidários, resultando na classificação de obras e autores como reacionários ou progressistas, velhos ou novos; os critérios estéticos de periodização substituídos por fatos históricos não enfatizados pela historiografia oficial, ou pouco considerados pela história literária.

A elaboração de uma história da literatura brasileira que apresentasse uma inversão de papéis entre os representantes das diferentes camadas da sociedade e respectivas posições políticas, no quadro representativo das letras brasileiras, pode ter sido uma intenção não alcançada pelo trabalho de Astrojildo.

A alteração dos componentes histórico-literários, privilegiando as lutas populares, os autores nelas envolvidos e a produção a elas atrelada, balizaria uma história da literatura nacional que poderia ser uma contribuição consistente de um plano cultural do partido. Ou dos pares que formaram, com Astrojildo, um grupo interessado em idéias deste porte.

Esse objetivo, se existiu, não foi atingido, pelo que entendo, em dois sentidos: na renovação do acervo e no diálogo com outros historiadores.

No estágio em que foi encontrada, a HLB de Astrojildo não acrescenta significativos nomes ou obras ao rol conhecido, talvez com pequenas exceções, desvalorizadas pela ausência da transcrição de textos literários. Da mesma forma, o caráter de intertextualidade, o eterno remeter-se a outras histórias literárias, reduzido à inevitável cadeia de repetições, levada ao extremo pelos manuais didáticos, se faz presente no inédito de Astrojildo.

São declaradas fontes como José Saraiva, da tradição portuguesa, e Ronald de Carvalho, questionado desde a década de vinte até o momento de realização da presente pesquisa.⁹

² Idem. Grifo meu.

³ Idem.

⁴ PEREIRA, Astrojildo. *História da literatura brasileira*, manuscrito, sem título ou data no original, Arquivo A-2, 3, 4 - ASMOB, transcrito pelo Arquivo do Estado de São Paulo, em 1991.

⁵ Idem, p. 3,4.

⁶ Ver SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 33.

⁷ Idem PEREIRA, A. Transcrição ASMOB/AESP, p. 1.

⁸ Ver MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa-Omega, 1985. p. 13.

⁹ A revista *Estética*, no segundo número, de 1925, apresenta uma crítica de Prudente de Moraes e Sérgio Buarque de Holanda a Ronald, considerado melhor poeta que historiador. A pesquisadora Monika Merkt identifica equívocos que Astrojildo poderia ter repetido a partir da *Pequena história da literatura brasileira*. Refiro-me ao trabalho "Anotações para uma leitura da História da literatura brasileira de Astrojildo Pereira". Nelson Werneck Sodré foi radical quanto a Ronald de Carvalho, em *Literatura e história no Brasil contemporâneo*, p. 39.

Interessa, aqui, lembrar a publicação, em 1938 e 1940, das duas primeiras edições da *História da literatura brasileira – seus fundamentos econômicos*, de Nelson Werneck Sodré. Este trabalho, de linha marxista, não é citado por Astrojildo, nem creio que se possam perceber vestígios de uma leitura não referenciada.

Em contrapartida, Sodré incluirá o nome de Astrojildo Pereira em argumentos alentados. Considerando-se as datas em edições posteriores – aqui utilizo a sexta, de 1976 – a História de Sodré menciona várias passagens do livro *Interpretações*, que Astrojildo publicou em 1944.

Percorrendo, em leitura não intensa nem isenta, os livros *Interpretações e Crítica impura*, que Astrojildo publicou em 1963, com apresentação de Werneck Sodré, e a mencionada *História da literatura*, deste último, passei a considerar a proximidade entre ambos, pelas linhas de pensamento e contemporaneidade de produção. Penso no diálogo que poderia ter fortalecido, em termos teórico metodológicos e precisão histórica, o plano que Astrojildo apresentava aos seus parceiros, nas discussões sobre a cultura brasileira em prováveis idos de 1948 a 1950.¹⁰

Questões partidárias à margem, a merecer inclusive estudos apropriados, da mesma forma que as condições de precariedade com que o próprio Astrojildo justifica lacunas do seu trabalho,¹¹ a fragilidade da proposta em discussão se evidencia na interlocução unilateral. Werneck Sodré elege o pensamento de Astrojildo Pereira, em termos de reconhecimento coerente com a interpretação que a relação entre a literatura, a economia e a sociedade assume sob prisma materialista dialético. Este Sodré busca em Lukács, de acordo com a práxis marxista, contra estabelecimentos de saber definitivo, conforme explica Leticia Malard.¹² E quanto a Astrojildo, a simples alusão a Lênin¹³ define e fixa seu método de trabalho, no caso do inédito?

Penso que há maior e mais significativa quebra de cânones da tradição histórico-literária brasileira, bem como de suas matrizes, nos trabalhos publicados por Astrojildo e citado – caso de *Interpretações* – ou apresentado – *Crítica impura* – por Nelson Werneck Sodré. Porque os estudos de Astrojildo enfocam tópicos específicos, em recortes, diferentemente da sequência cronológica tradicional, que volta a aparecer no inédito; discutem posições dos atores sócio-culturais apresentadas pela historiografia literá-

¹⁰ Outros trabalhos, dos pesquisadores envolvidos com o manuscrito de AP, detalham questões como a relativa à data de produção, entre outras. O que torna a leitura do conjunto de oito estudos aconselhada para melhor compreensão de aspectos de abordagem e tópicos selecionados, comuns às discussões iniciais e posteriormente subjacentes às direções e temáticas seguidas pelos pesquisadores, individualmente, e eliminadas dos textos finais do trabalho para evitar repetições.

¹¹ Idem PEREIRA, *ob. cit.*, p. 1, 8, entre outras.

¹² MALARD, L. "Nelson Werneck Sodré: a ruptura e o reflexo". In *História da literatura: ensaios*. Malard e out. Campinas: UNICAMP, 1994, p. 64.

¹³ Idem PEREIRA, *ob. cit.*, p. 1.

ria consagrada; revisam a idéia de nacionalismo e da representação da sociedade brasileira, como se pode ver na análise da obra de Machado de Assis, evocada por Sodré.

No manuscrito, Astrojildo passa ao largo de alguns dos fatos de relevância para a compreensão da cultura brasileira, como as condições em que se deu a "progressiva integração do regime colonial brasileiro no grande conjunto do surto mercantil, integração que condicionou a estrutura da sociedade e, em consequência, cada umas de suas manifestações, inclusive a literária".¹⁴

A opção redutora pelo maniqueísmo – velho/novo, ateu/crente, revolucionário/conservador – é uma constante no manuscrito, em que pese a existência de um projeto, conforme, à página 2, Astrojildo apresenta sua proposta de periodização da literatura brasileira: "não vou além de 1930, por escapar isso ao plano previamente traçado dos *nosso*s trabalhos". Sem que o plano ou a identificação do grupo envolvido sejam explicitados, a flexão do verbo e do pronome, em grifos meus, pode sugerir a condição de produção do texto, como rascunho de tópicos para discussão de viva voz, pelo menos em um primeiro momento.

Ambos, o maniqueísmo e a flexão utilizados reforçam, no meu entender, a hipótese de o inédito em questão não se constituir em trabalho destinado à publicação.

Há muita distância entre este Astrojildo e o intelectual que comparece aos argumentos escolhidos por Werneck Sodré, como em relação à obra de Machado de Assis. No manuscrito, Astrojildo coloca Machado na balança maniqueísta – origem pequeno-burguesa, autodidata, ateu.

Talvez as circunstâncias de produção do texto, ainda a aguardar esclarecimentos, o tenham empobrecido. Obveidade que se acentua na medida em que não deve haver dúvidas sobre a importância das contribuições de Astrojildo Pereira para a história da literatura brasileira. Talvez, em decorrência disto, Werneck Sodré permaneça como uma voz solitária, e, portanto, mais difícil de avaliar.

Suponho que o diálogo entre Astrojildo e Nelson, talvez impossibilitado na época, por contingências políticas ou pessoais, poderia iluminar questões presentes nas salas de aula de graduação em Letras, principalmente no interior do país, onde, talvez mais que nos grandes centros, é necessária a vinculação entre o ensino da literatura e a realidade nacional.

As transformações do estudo acadêmico da literatura brasileira, conforme Leticia Malard, tais como, o caráter interdisciplinar do ensino relacionado às matérias auxiliares, História, Sociologia, Economia, ou "o final de uma era de repressão político-ideológica",¹⁵ ainda estão em processo

¹⁴ Conforme SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 36.

¹⁵ Idem MALARD, L. *ob. cit.*, p. 62, 69.

nas universidades interioranas. A repercussão, a nível de segundo grau é óbvia.

A experiência pode demonstrar que as transformações que Leticia Malard aponta como realizadas na década de noventa, no interior, pelo menos, ainda se arrasta em processo bastante lento. O elevado número de professores não especializados, ou sequer atualizados, é um dos fatores relevantes em tal quadro.

Quanto às inúmeras controvérsias a respeito dos movimentos culturais e sociais, à esquerda, as dissonâncias acadêmico-políticas, os múltiplos e deplorados *marxismos*, talvez configurem, ainda, condições semelhantes às que distanciaram Astrojildo de Nelson Werneck, enquanto, desde o comentário de *Crítica impura*, até a afirmação em *Literatura e história no Brasil contemporâneo*, o tom de Werneck é o mesmo. Sobre *Interpretações*, de Astrojildo: "páginas de crítica que são realmente o que o Brasil conheceu de melhor no gênero".¹⁶

Interessante, também, a afirmação de um outro Astrojildo, em outro documento inédito, no qual o Autor revisa posições, dizendo-se "pseudomarxista" e portanto "anti-marxista", talvez referindo-se aos textos produzidos durante o período de seu afastamento do Partido Comunista.¹⁷ Onde coincidem as citações de Sodré e a autocrítica de Astrojildo?

A que marxismo se refere Astrojildo, no momento em que emite, no texto que se pretende esboço, talvez, de uma nova história literária no Brasil, conceitos maniqueístas, com jeito de "saber definitivo"? A que distância se encontram ou desencontram Astrojildo Pereira e Nelson Werneck Sodré? Quanto o ensino da literatura brasileira se beneficiaria de um reencontro entre ambos?

Apesar da decantada relevância das "lutas contra os monopólios da metrópole", até que ponto Astrojildo Pereira consegue diferenciar-se das histórias literárias apontadas como matrizes da historiografia da literatura brasileira?

"O operário, diante da máquina da indústria, é o mestre, é o músculo consciente, é o cérebro: domina-a, guia-a, subjuga-a, com o fim criador da produção, que é a vida".

O soldado, diante do canhão, é por este empolgado, assimilado, automatizado, desumanizado, com o fim guerreiro da destruição, que é a morte.

Ora, o desertor é um homem que não quer ser soldado, que não quer desumanizar-se, que quer continuar a ser homem.¹⁸

¹⁶ Idem SODRÉ, *ob. cit.*, 1987, p. 53.

¹⁷ Do texto intitulado "Intervenção de Astrojildo Pereira", do mesmo arquivo/ASMOB, trata a pesquisa Ilka Maria de Oliveira.

¹⁸ PEREIRA, A. "O desertor" In: PRADO, A. Amoni & HARDMAN, F. Foot. São Paulo: *Contos Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 57.